

ESTUDO DE CASO PARA ELABORAÇÃO DO SANTUÁRIO SÃO PEDRO E SÃO PAULO

CASE STUDY FOR ELABORATION OF THE SANCTUARY SÃO PEDRO AND SÃO PAULO

¹INFERDES, J. C.; ²PADOVAN, L.;

^{1e2}Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO

RESUMO

O projeto contempla a construção de um Templo Sagrado para consagração como Santuário da Igreja Católica Apostólica Romana. Vamos entender o passado para projetar o futuro. A demanda de fiéis em busca da fé no cristianismo católico, conduz à necessidade de edifícios específicos, condicionando uma estrutura, ora não organizada, com traços de uma arquitetura eclética, ou até mesmo, de salões e espaços multiusos, em improvisados templos, para fins religiosos. Na última década, houve uma grande mudança no conceito de igrejas – templos – para santuários dedicados a santos e ícones do misticismo da igreja católica que, em território nacional, têm o maior número de adeptos sendo uma das poucas a trabalhar com uma gama de “grupos” ou “movimentos” (Renovação Carismática Católica - RCC, Encontro de Casais com Cristo - ECC, Legião de Maria, Apostolado da Oração, Comunidade Canção Nova, Comunidade Shalon, Comunidade São Miguel Arcanjo, etc...), que defendem seus interesses para um bem comum, ampliando a gama de possibilidades de fiéis segundo a sua crença ou simpatia.

Palavras-chave: Arquitetura Religiosa. Igreja Católica. Renovação Carismática. Catecismo.

ABSTRACT

The project includes the construction of a Holy Temple for consecration as the Sanctuary of the Roman Catholic Church. Let us understand the past to project the future. The demand of the faithful in search of faith in Catholic Christianity, leads to the need for specific buildings, conditioning a structure, sometimes not organized, with traces of an eclectic architecture, or even, halls and multi-purpose spaces, in makeshift temples for purposes religious. In the last decade there has been a big change in the concept of churches - churches - for dedicated shrines to saints and mysticism of the icons of the Catholic church in the country, have the largest number of fans being one of the few to work with a range of " groups "or" movements "(Catholic Renewal Carismática - RCC, Couples for Christ - ECC, Legion of Mary, the Apostleship of Prayer, Canção Nova Community, Community Shalon, Community San Miguel Arcangel, etc ...), who defend their interests for the common good, expanding the range of possibilities of the faithful according to their belief or sympathy.

Keywords: Religious Architecture. Catholic Church. Charismatic Renewal. Catechism

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, a religião foi criada e reinventada conforme a cultura e a necessidade de comunicação entre o homem com o ser supremo. No decorrer da história, o homem racional (aquele que age pela lógica da ciência), e o homem emocional (aquele que age pelo impulso dos sentimentos ao sagrado), vêm intercalando o espaço tempo, que ora é científico, ora sagrado, respectivamente, criando um equilíbrio vocacional sobre uma linha tênue que vai da loucura à lucidez, mas, segundo Silva (2005, p. 19), nos últimos anos a humanidade tem trocado cada vez mais a religião pela ciência, isso vem ocorrendo a partir do Iluminismo no século XVIII, quando o homem passa a ser o centro de todo universo,

onde o divino era o centro de tudo (teocentrismo). Anteriormente, a essa ruptura, tudo era derivado da religião, inclusive a própria ciência. No entanto, o ser humano vive em constante busca à felicidade, e nalgumas vezes, em locais espirituais, independentemente de sua crença, para depositar sua esperança, onde se sinta acolhido. Local esse, onde podemos defini-lo como “um porto seguro”.

Com esse pensamento, o presente trabalho tem como objetivo orientar para que se possa dar início a elaboração do projeto de um Templo Religioso, neste caso, identificado pela Igreja Católica Apostólica Romana, com características e princípios do movimento da Renovação Carismática Católica - RCC, originado após o Concílio Vaticano II, movimento este, que atinge um grande número de fiéis, utilizando e ousando da musicalidade na formação de bandas e ministérios de música, de palestras ministradas não só como outrora, por sacerdotes e doutores da lei, mas também, por leigos.

A disseminação dos eventos praticados pelo movimento da RCC, iniciado na década de 50, nos Estados Unidos, obtiveram aceitação internacional e nos dá embasamento conceitual teórico, tanto quanto, a primeira comunidade dos primeiros cristãos nos Atos dos Apóstolos.

A arquitetura atua de maneira diferenciada quando se manifesta na religiosidade. Consegue passar sensações, sentimentos, dando uma nova definição nos pontos relacionados ao homem, ao universo e ao ser supremo, Deus. O modo como a religião atua, implica diretamente na sociedade e no comportamento humano em demarcado período de tempo.

Durante toda a história, a arquitetura religiosa por meio de formas trabalhadas, por seus autores, buscando resgatar sensações e experiências espirituais no homem, como efeito de luzes, acústica, aguçando sentidos, muitas vezes, em busca de representar o próprio “céu” como conseguimos ver na arquitetura gótica.

Um fato interessante da igreja é que sua excentricidade não se limita à arquitetura, na forma como é pensada e distribuída, na maneira que é proposta e na disposição dos seus espaços e elementos religiosos, mas também, como se pode utilizar recursos naturais como a luz e a água para adquirir sentimentos e sensações que proporcionem a ligação homem – divino.

A tecnologia foi impar em muitas questões. Durante um certo tempo esses pontos construtivos foram vistos de maneira funcional em relação ao estético, hoje, isso é visto como uma característica, pois houve a necessidade de uma dinâmica

nesta questão, em relação a conforto visual e não esquecendo da ideia transmitida pelo espaço. A questão iluminação - sempre ao elaborar um projeto de igreja - traz uma preocupação, sabendo que a luz é crucial tanto para fomentar os ritos sacramentais, quanto na questão estética, e também, na funcionalidade e realce dos ambientes.

Num contexto geral, este trabalho foi concebido, estudando a origem das religiões e o porquê desta necessidade humana, o conceito da arquitetura religiosa nas primeiras basílicas até as igrejas modernas e suas peculiaridades para embasar novas interpretações do século XX. Foram feitas pesquisas sobre a liturgia na Santa Missa e seu significado para o Cristianismo, e sobretudo, sobre o movimento de renovação da igreja no final do século XIX e suas alterações na arquitetura proposta pela igreja até culminar com a introdução de novos conceitos sem perder a sacralidade em seu pleno serviço ao divino e à liturgia.

O Concílio Vaticano II, com a intenção de criar novas ideias e novas arquiteturas, propõe uma espécie de reformulação em seu novo jeito de arquitetar para atrair à fé ao cristianismo católico com o objetivo de atingir dois pontos cruciais e fundamentais para o rito sacramental: ser funcional e prático sem perder a espiritualidade; e facilitar a interpretação litúrgica para atrair fiéis.

De acordo com Silva (2005, p. 20), liturgicamente falando “a igreja católica é entendida como o local consagrado à reunião da comunidade a fim de celebrar com seu sacerdote a comunhão com o sagrado. E, sendo esta reunião a manifestação de fé de uma comunidade vivendo na época atual”. E nesta união, entre o litúrgico e a arquitetura, é necessário entender “a legitimidade das obras construídas neste período, pois a qualquer época assiste o direito de procurar uma forma adequada de expressão de suas ideias” (SILVA, 2005, p. 20).

A arte deve ser entendida e não adequada, mas concebida de forma a atender as necessidades do homem contemporâneo, mais do que as necessidades de nossos antepassados, num local, onde possa fugir do stress e do barulho urbano da vida moderna, a fim de sentir, no silêncio de sua alma, a realidade de sua existência nas orações e súplicas a Deus.

Com isso, podemos entender a necessidade do templo igreja, ser um local de meditação, entrega, aconchego, onde o fiel possa orar e meditar, conseguindo ter um contato com o real e o espiritual e, com embasamento na crença aos santos e mártires da igreja católica, estudamos ainda, a dedicação e consagração desses templos,

exaltando assim, a atuação dos santos na vida dos fiéis como verdadeiros santos milagrosos, sobretudo, aos Santos Apóstolos Pedro e Paulo.

Apesar da questão religiosa ser uma divisora de águas para a arquitetura, durante o século XX, passa ser um enunciado na construção entre os anos 30 e 60, considerados anos de grande variedade de exemplares dessa nova maneira de arquitetar Templos. Juntamente com a inovação tecnológica e construtiva, surgem novos conceitos, sendo possível resolver qualquer problemática estrutural, ornamental ou estética, deixando claro a versatilidade que foi possível alcançar.

Dando continuidade aos trabalhos, apresentamos de maneira individual a arquitetura moderna mundial através de grandes mestres como Niemeyer e Tadao Ando, como referenciais arquitetônicos, catedráticos que inovaram com suas particularidades, não deixando de marcar com suas assinaturas cada uma de suas obras e conseguindo representar características locais para cada projeto.

Por fim, estudos de caso realizados em três edificações sacras de relevância internacional, trouxeram-nos a interpretação e experiências comparativas do tema eclesial, sob o olhar técnico, latino-americano, que para Silva (2005, p. 20), esse quesito, nos dá visão para um referencial conceitual.

Os arquitetos latino-americanos basearam-se nas experiências locais de organização do espaço e de valorização do lugar, traduzindo uma teoria externa em uma realidade prática de sua região. Isto não implicou uma renúncia ao moderno, mas compreendeu a existência de uma modernidade própria, que valoriza culturalmente o seu espaço e soluciona as existências de seu tempo, consolidando, assim, a formação de sua identidade. SILVA (2005, p. 20)

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste artigo, foram realizadas pesquisas teóricas e bibliográficas, em sites na internet, livros, monografias e documentos da igreja católica, visitas de campo e estudo de casos, acerca dos assuntos envolvidos, de forma que a partir da leitura, conseguíssemos subsídios didáticos ao nosso repertório, e fatos concretos à compreensão do edifício igreja, à fé e ao misticismo cristão, e assim, embasamos sobre os assuntos: história das religiões, arquitetura eclesial e a renovação litúrgica que culminou na expansão do movimento da Renovação Carismática Católica – RCC, no mundo. Após a leitura, conseguimos fomentar nossos

conhecimentos e todo material coletado e aqui, aplicado, tornando possível a boa representação técnica projetual e construtiva do edifício igreja.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao estudarmos a origem das religiões, entendermos a eclética gama de crenças da humanidade, acerca de divindades e seres mitológicos, místicos e espirituais, culminando na origem do “cristianismo católico”, para que, possamos introduzir seus imponentes edifícios milenares, onde o templo, como local destinado a reuniões comunitárias, assim como, na Ágora grega, era palco de decisões políticas e sociais.

Esses edifícios religiosos, evoluíram e acompanharam as aspirações da humanidade, levando-a à meditação espiritual, e não exclusivamente, à reunião social. Algumas construções atravessaram milênios, e outras, mesmo em ruínas, projetos ou manuscritos, são espelhos do passado para estudos e técnicas retrospectivas da atualidade. Detalhes e ornamentos decorativos, e elementos construtivos, como, frontão greco-romano, colunas, arcos, estão presentes na atualidade, muitas vezes, em sua forma original ou numa releitura projetual.

História das Religiões

Não há como falarmos de Templos Sacros e Ritos Litúrgicos na arquitetura religiosa, sem entendermos o aspecto religioso dentro do conceito de história.

O homem sempre teve a necessidade de um abrigo para se proteger dos animais, da chuva, dos ventos e da noite. Seguindo este pensamento, vamos caminhar na linha do tempo, para entender melhor sobre a história das religiões e da Igreja Católica, seus ritos e significados, quer simbólicos, quer espirituais. Em alguns momentos, vamos perceber que a arquitetura está intrinsecamente relacionada à religião, por isso, vamos elencar algumas religiões, crenças e rituais, para promover nosso trabalho.

As imponentes instalações de pedras, o “Stonehenge”, datado de 3100 a.C., que consiste numa estrutura composta, formada por círculos concêntricos, de pedras de cinco metros de altura e quase cinquenta toneladas (

Figura 1).

Figura 1. Stonehenge – Deusa da fertilidade



Fonte: disponível em: <<https://meninasemarte.wordpress.com>>. Acesso em 20 jun. 2016

Segundo Eliade (2009), com a alteração do clima a fauna e a flora foram modificados e domesticados (no cultivo da terra, no plantio das sementes e na exploração da carne e pele dos animais). Os eventos climáticos do Neolítico, proporcionaram a maior revolução da história da humanidade.

A religiosidade foi despertada, pelo fenômeno empírico da agricultura, no mistério do nascimento, da morte e do renascimento. As crises ecológicas provocadas pela mãe natureza (inundações, secas etc...), foram compreendidas e transformadas em dramas mitológicos, colocando a mulher como ponto crucial à subsistência humana, pois ela conhecia os mistérios da criação, da fertilidade e da fecundidade e tinha o dever de usar seus conhecimentos para produzir abundantes colheitas. Nos sítios arqueológicos do neolítico encontramos a mulher sendo cultuada e adorada. Por exemplo, em Catal Huyuk,

A principal divindade é a deusa, apresentada sob três aspectos: mulher jovem, mãe dando à luz um filho (ou um touro), e velha (acompanhadas as vezes de uma ave de rapina). A divindade masculina aparece sob a forma de um rapaz adolescente – o filho ou o amante da deusa – e de um adulto barbudo, ocasionalmente montado sobre um animal sagrado, o touro. (ELIADE, 2009, p. 55).

Num determinado período do Neolítico, os homens e mulheres formavam grupos para explorar outros horizontes na luta pela sobrevivência, e saíam em “longas caminhadas” explorando outras terras. A “Era do Gelo” trazia a escassez de alimentos e perigos constantes, tornando mais dificultosa a sobrevivência. Neste percurso, cada grupo se instala em territórios diferentes e vão se adaptando aos díspares climas,

criando hábitos e costumes como numa sociedade. Quando em determinada região, criavam raízes e interações que os transformavam geneticamente, como por exemplo, seus olhos e peles mais claros, pela diminuição de produção de melanina, em decorrência da ausência do sol. Foram desenvolvendo sua linguagem de comunicação e começam a ensinar seus descendentes sobre a compreensão da vida, variando de grupo para grupo, de acordo com a interpretação de cada grupo, portanto, seus mitos, seus deuses, suas leis, suas noções de certo e errado, serão diferentes, criando culturas e religiões diferentes.

A partir deste ponto, devemos entender a razão pela qual, existem diversidades de opiniões acerca de crenças, partidos políticos, sistemas econômicos e da religião. Tudo depende, da maneira, como cada indivíduo, nação ou sociedade, interpretam o modo de ver as coisas, e suas realidades territoriais são distintas, seus costumes são baseados nas tradições locais, herdadas de nossos antepassados.

História Da Igreja Católica:

Igreja, do latim *ecclesia*, é um templo cristão, local da pregação dos ensinamentos de Cristo, obedecendo os princípios da ética cristã. Do grego, *ekklèsia*, ou *ekkalein* - chamar fora, significa "convocação". Designa também, as assembleias do povo, em caráter religioso. A primeira comunidade dos cristãos, por volta do século II, já se autodenominava Igreja. Comumente, **Igreja**, e o conjunto de cristãos reunidos pelas mesmas doutrinas religiosas. Na sociologia, **Igreja**, é a organização institucional de um grupo religioso. A instituição religiosa **Igreja**, é o sistema de preceitos dogmáticos, crenças e ritos de um povo.

Igreja Católica ou Igreja Católica Apostólica Romana, é uma instituição religiosa Cristã, instituída por Cristo, para levar a boa nova do seu evangelho, embasada na Bíblia, e pela doutrina de Cristo. Na interação entre, a Bíblia e a tradição, a Igreja desenvolveu seus princípios, crenças e credos, além rito litúrgico, seus sacramentos e festividades, concedendo aos fiéis a essência da fé cristã.

O próprio Cristo instituiu dois ritos primários: o batismo e a eucaristia. Outros criados ao longo da existência da religião católica, como, a crisma, o casamento, a ordenação para o sacerdócio, a confissão e a extrema unção, inteirando os Sete Sacramentos da Igreja.

A igreja formada pela filosofia cristã, constituída por ensinamentos deixados por Jesus Cristo, considerado o maior apóstolo do cristianismo pelos historiadores,

filósofos e cientistas, então, surgiu na Antiguidade e se espalhou pelo mundo, sendo hoje, a religião com mais fiéis do planeta. Após a morte de Cristo, Pedro, seu sucessor, foi responsável pela difusão do cristianismo, contando com seu braço direito, no auge da civilização romana, século I d.C., o Apóstolo Paulo, que teve seu papel fundamental como colaborador superando seu mentor e escrevendo mais livros (epístolas) bíblicos que qualquer outro apóstolo.

A influência de Paulo, a princípio, desenvolveu-se incipiente, pois os cultos cristãos eram proibidos em Roma tendo sua população, na maioria, pagã. Em 313, o imperador Constantino, tendo afinidades pela doutrina cristã, deu liberdade de expressão aos cristãos e, a partir de então, o cristianismo passou a agregar novos adeptos em Roma, tornando-se a religião oficial do Império Romano em 390, ato instituído por Teodósio.

Constantino, oficializando o cristianismo, dividiu opiniões e colocou em crise seu império. Mais tarde, para interromper sua decadência, foi ao extremo e dividiu-o em dois: império ocidental, com a capital em Roma, tendo como autoridade máxima da hierarquia, o Papa Francisco; e o império oriental, com a capital em Constantinopla, denominada mais tarde, capital da civilização bizantina, sede da religião Ortodoxa.

Em 1054, as divergências políticas entre os romanos e bizantinos, geraram conflitos internos (cisma), onde o papa (bispo de Roma), resistindo ao ceticismo e à insubordinação bizantina, defendia o culto às imagens, às cerimônias, à guarda dos dias santificados e os direitos do clero. No mesmo século, o imperador Carlos Magno, fez aliança com a Igreja Católica, na intenção de reconstruir o Sacro Império Romano Germânico.

Na Idade Média, mais precisamente entre os séculos XI a XV, a Igreja Católica consegue alçar à glória de seu poder e no ápice, se consagrou como uma das maiores instituições religiosas e políticas do ocidente. Momento em que se iniciou o movimento das Cruzadas. A igreja era detentora da ciência, do conhecimento e tinha muitas propriedades. Nesta época, a fim de demonstrar seu poder político e também levando em conta a crença da salvação das almas dos hereges, a Igreja Católica, instalou a Santa Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício, os católicos acreditavam estar libertando as almas dos hereges, fazendo o corpo perecer, mas a alma, estaria salva. Este período ficou conhecido mundialmente como Era das Trevas.

No século XVI, sob a liderança de Martinho Lutero e João Calvino, monges católicos, mais uma vez a igreja é dividida e inicia-se o movimento de reforma

culminando no gérmen da Igreja Protestante, sendo difundida pelo mundo a fora e obtendo reconhecimento e apoio, maiores do que os monges esperavam. Mais uma vez as doutrinas e os ritos católicos, são contestados e as opiniões de Lutero e Calvino alcançam reconhecimento e adeptos que hoje, competem igualmente em número aos católicos.

A partir do século XV, na época do Brasil colônia, as embarcações europeias, trouxeram os missionários jesuítas, responsáveis pela catequização dos nativos indígenas. A prosperidade financeira da igreja desta época, era financiada pela evangelização do ocidente para as américas, onde com os missionários, vieram imperadores, seus ajudantes, subordinados e escravos, colonizando as américas, período reconhecido pelos historiadores onde ocorreu a “Recolonização do Brasil”.

No início do século XX, o Tratado de Latrão, criou o Estado do Vaticano, para sediar a Igreja Católica e abrigar seu superior eclesial, o papa.

Atualmente, o clero é masculino e celibatário. A classe eclesiástica dos sacerdotes, é formada pelos cardeais, bispos e padres e tem o papa, como chefe supremo de toda a Igreja e do Estado do Vaticano. O alto pontífice da hierarquia católica romana, é argentino, de Buenos Aires, nascido em 17 de dezembro de 1936, Jorge Mario Bergoglio, o “266° Papa da Igreja Católica”. Designado num ritual tradicional, o “Conclave”, que reúne todos os cardeais da igreja. Foi o primeiro a utilizar o nome de “Francisco” em homenagem ao santo, Francisco de Assis.

Arquitetura Paleocristã

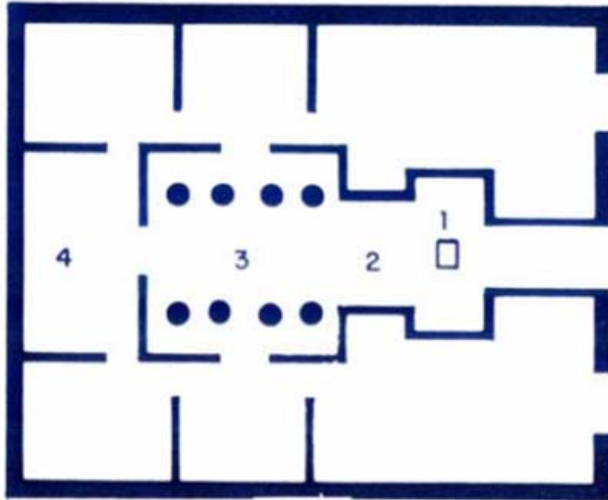
Os primeiros cristãos pregavam a mensagem de Cristo nas sinagogas, mas para celebrações, reuniam-se na “Casa Romana” que, segundo Silva (2005 apud Schubert 1979, p.41): “Havia três tipos fundamentais: a) a villa (habitação no campo); b) a domus, residência urbana da classe média e elevada; c) a insula (ilha), casa de cômodos na cidade, para os pobres, mas livres”.

As casas (

Figura 2), doadas pelos proprietários às comunidades, muitas vezes, sem janelas ou aberturas para iluminação e ventilação, propunham somente a entrada principal, ou alguma eventual entrada de serviço. Quatro ambientes eram comuns: o átrio (1), local para onde convergiam os telhados, lançando as águas no impluvium (tanque para águas pluviais); o tablinium (2), uma espécie de imaginário, local de colocação das imagens protetoras do lar; o peristilo (3), onde eram realizadas as

celebrações; e o tricinium (4), refeitório. O peristilo era aberto e única fonte de ventilação e iluminação. Cercado de colunas, dava acesso aos quartos e outras dependências da residência.

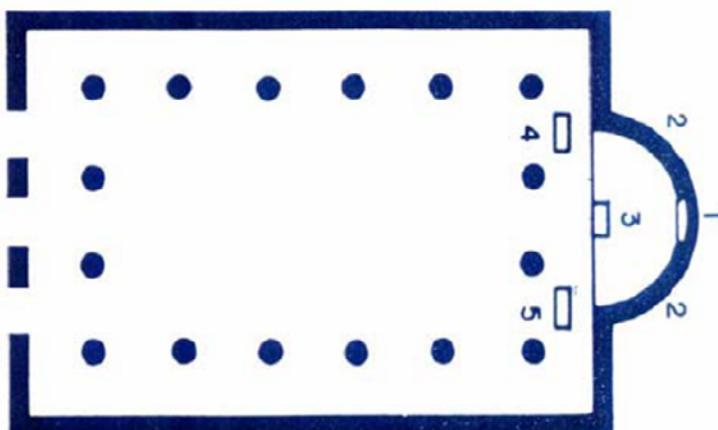
Figura 2. Planta baixa da Casa Romana, século I d.C.



Fonte: Silva, 2005

O Edito de Milão, no século VI, apoiado pelo Imperador Constantino I e sua mãe, dá às comunidades primitivas, alguns privilégios, podendo construir templos. Recebidas como doações de regentes e pessoas de sua família, generosamente, as basílicas romanas, sinônimo de “Basileu” (Juiz), até então, usadas para presidir sessões públicas da justiça, foram tomadas como exemplos, para futuras instalações cristãs, devido à sua praticidade e comodidade para abrigar um elevado número de pessoas, visto que, crescia, consideravelmente o número de adeptos ao cristianismo.

Figura 3. Planta baixa da Basílica Romana



Fonte: Silva, 2005

Arquitetura Bizantina

As características dos templos bizantinos, provêm dos povos helênicos. São compreendidas, pelo uso de elementos gregos e romanos, horizontalidade, cheios sobre vazados, aspecto pesado.

Os materiais e sistemas construtivos mais empregados são: abóbada de aresta, abóbada de berço, abóbada em barrete de clérigo, abóbada sobre pendentes com ou sem trompas, cúpula, arcos, e trílito. O capitel bizantino tem a forma exata de uma abóbada de pendentes invertida, e como tal, se propõe a transmitir e concentrar a carga de uma superfície quadrada a uma circular que é a seção da coluna.

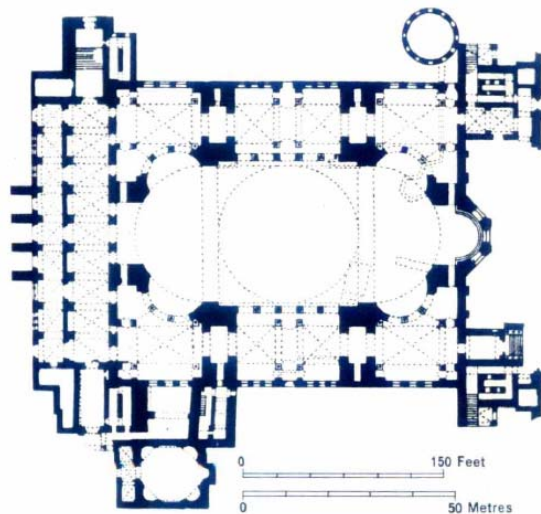
Nas basílicas, são encontrados elementos básicos, da arquitetura bizantina, como a construção de abóbadas múltiplas, a cúpula e o plano centralizado. O plano da basílica, longo e retangular, era inadequado a um ato litúrgico, que ocupava só a área central da igreja, e os construtores eclesiásticos bizantinos pouco a pouco adotaram um esquema mais compacto e apropriado, que em geral tomava a forma de uma cruz grega.

O rito litúrgico, nos templos bizantinos, segregou o clero, da assembleia, através da colocação do anteparo, denominado "iconóstase", criando uma barreira, que cortava a igreja. No início, este anteparo, era vazado, posteriormente, substituído por uma parede sólida de pedra, metal ou madeira, coberta por ícones da fé cristã, pintados sobre toda sua superfície.

O mais significativo modelo da arquitetura bizantina, é a Basílica de Santa Sophia (Santa Sabedoria), em Constantinopla, atual Instambul – Turquia (532-7). Sua planta tem formato retangular.

Com aproximadamente 50 metros de altura, em seu interior, colunas, aberturas, janelas em arcos e sua cúpula de 33 metros de diâmetro, foram projetadas de forma que a iluminação natural regesse o ambiente.

Figura 4. Planta baixa da igreja de Santa Sophia



Fonte: Silva, 2005

Arquitetura Românica

Recebeu influência da arquitetura romana e bizantina. São predominantes, as linhas horizontais, e os cheios sobre vazados: interior sombrio com janelas pequenas.

De aspecto resistente e pesado. Sua decoração, é repleta de imagens de santos, animais e figuras gregas. Os materiais e os sistemas construtivos empregados são: pedras e tijolos, utilização do arco pleno, abóbadas de berço e de aresta, arquivoltas (diferença de nível entre os arcos), pilares maciços, e contrafortes. Os telhados, como nas primitivas basílicas, eram cobertos de cerâmicas, sobre estruturas de madeiras, abundantes na época, substituídos, posteriormente, por abóbadas de pedra ou alvenaria, para evitar incêndios.

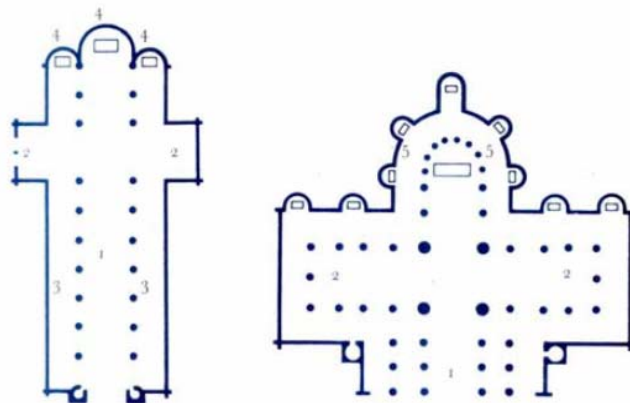
A arquitetura românica, não é uma cópia, e sim uma adequação às necessidades da época. Gerada em tempos de guerras e invasões, pelos vikings e bárbaros, entre outros, a igreja adquiriu característica de fortificação, de imponência majestade e solidez.

As primeiras basílicas ou igrejas românicas, possuíam naves laterais e galerias que funcionavam como arcobotantes, para a estrutura da nave principal, onde, a galeria e as arcadas das naves laterais, aliviavam o peso sobre a alvenaria, depois, são acrescentados, o transepto e a cúpula, sobre o cruzeiro.

A igreja cumpre o papel urbano, sendo utilizada, como centro das pequenas cidades do século XI, e residência dos poderosos e abastados bispos e abades, agregando tangencialmente ao corpo da estrutura física, inúmeras capelas e altares para celebrações, ampliando o coro na direção leste, formalizando a planta, em cruz latina. As naves laterais, foram prolongadas, formando o deambulatório, utilizado para passagem das procissões.

O acréscimo dos transeptos e a ampliação do coro, exigem duas soluções arquitetônicas: a planta escalonada e a planta irradiante. A primeira, além da nave principal (1), possuía duas ou mais naves laterais (3), que atravessavam os transeptos (2), e finalizavam em pequenas absides (4). Na segunda, cinco ou mais capelas, espalhavam-se em torno da abside principal, geralmente, com um deambulatório (5), que unia-se ao coro, atrás do altar-mor.

Figura 5. Planta baixa das igrejas: escalonada (à esquerda) e radiante (à direita)



Fonte: Silva, 2005

Como exemplo da arquitetura românica, temos a Igreja de Nossa Senhora a Maior, em Poitiers, na França (1140), do arquiteto Charles Joly-Leterme. Sua fachada, com esculturas, estatuetas e afrescos, é um livro de imagens e cenas que fazem referência ao antigo e novo testamento, desde Adão ao nascimento de Cristo, sobretudo, à Virgem. Pilastras, arquivoltadas sobre os pórticos, arcadas, um grande vitrô central (substituído no gótico pelas rosáceas) e um Cristo, centralizado no frontão, completam a obra.

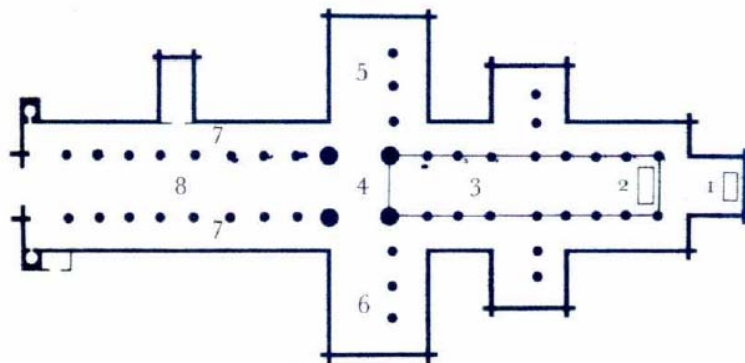
Arquitetura Gótica

As igrejas góticas, caracterizam-se, pelo predomínio de vazios sobre cheios, côncavo e convexo, paredes com grandes vitrais e rosáceas, definindo um interior

claro, com imponência e fineza. Recebeu grande influência da arquitetura românica e islâmica, sendo assim, sua decoração, como na românica, produz cenários místicos, em estátuas de santos, passagens bíblicas e animais.

Os materiais e sistemas construtivos, mais utilizados, são: pedras e vidros coloridos, arcos ogivais, abóbadas nervuradas em leque e estreladas, colunetas ou feixes de caneluras, gárgulas para escoamento da água, e arcobotantes, com a mesma função do contraforte, formam um esqueleto externo. Nas basílicas góticas, além da verticalidade, encontramos: vitrais, três portas na fachada cobertas de afrescos, grande janela sobre cada porta, rosácea (rosa com vitrais), e planta (Figura 6), formalmente assimétrica, que se estende da Capela da Virgem (1), passando pelo altar-mor (2), o coro central (3), e o cruzeiro (4), elementos construtivos que criam uma barreira entre a assembleia, na nave (8) e o clero no altar-mor. A nave central longa, as naves laterais (7), e os transeptos norte (5) e sul (6), dão longitudinalidade ao formato cruciforme, comumente empregado nas Catedrais Góticas. O deambulatório ao redor do coro, abriga pequenas capelas.

Figura 6. Planta baixa de Igreja Gótica - predominantes do século XIII a XVI.



Fonte: Silva, 2005

Segundo Silva (2005, apud Brandão, 1991, p.41), “na arquitetura gótica encontra-se a ‘longitudinalidade’ do Cristão Primitivo, a ‘espiritualidade, misticidade e transcendência’ bizantinas e o ‘estruturalismo, verticalidade e comunicabilidade urbana’ despontados no românico”. E Silva, alude Pevsner, dizendo que: “as principais características que cumpunham o estilo gótico eram “o arco ogival, o arcobotante e a abóbada nervurada (Silva, apud Pevsner, 1982, p.82)”, além das rosáceas e os pináculos pontiagudos, que observamos na Catedral Notre-Dame de Paris (1163-1345), dedicada a Maria, mãe de Jesus.

As igrejas góticas, coincidentemente, predominantes no período da inquisição - entre os séculos XII e XIX - não levam o observador ou leigo cristão, à contemplação interior, mas no sentido transcendental da alma, pela admiração da grandiosidade da obra, em êxtase, levando-o a se relacionar com a divindade, como centro do universo, como já estudamos anteriormente, período, em que a igreja, gozava de plenos poderes políticos e socioeconômicos.

Arquitetura Moderna

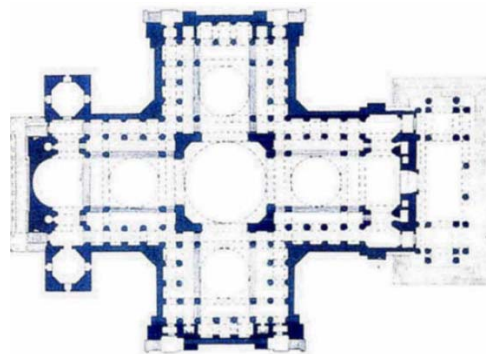
Com o início da revolução industrial no séc. XVII, a inovação surge a todo vapor, e como já esperado, abrange a área arquitetônica, que até então, estava ligada ao classicismo. Neste repertório clássico, há três séculos, anteriores à revolução, o cenário da arquitetura, sofria adaptações conforme as práticas pessoais, e a cultura de cada país, conforme o necessário.

Quando o iluminismo se propõe a questionar a luz e a razão, durante o XVIII, esta maneira de arquitetar, clássica, passa a ser também, questionada, em seus pontos históricos, até chegar no greco-romano.

O classicismo sofre modificações que o transformam em neoclássico, pois os princípios canônicos, passam a ter mais rigor, e o modo de pensar, a ter racionalidade e sistematicamente, exigidos nos projetos.

Um exemplo de arquitetura neoclássica é a Igreja de Sainte-Geneviève de Jaques Germanin Soufflot em Paris – França, pois possui características formais, como por exemplo, a cruz grega, e as cúpulas em quatro braços.

Figura 7. Planta baixa da Igreja de Sainte-Geneviève de Jaques Germanin Soufflot



Fonte: Benevolo, 1974

Neste momento, a arquitetura passa a atender, as necessidades da sociedade econômica, devido ao aumento da burguesia. Todas as construções públicas que surgiam, possuíam a racionalidade. Era o que a arquitetura e urbanismo, dessa época burguesa almejada. Étienne-Louis Boullée e Claude- Nicolas Ledoux, eram arquitetos que defendiam essa racionalização espacial, e a transformação na intenção social de sua forma.

Devido a todas às mudanças derivadas do iluminismo, nasce então a nova arquitetura, a Arquitetura Moderna. Uma arquitetura configurada, juntamente com novas mudanças tecnológicas, artes de vanguardas e sonhos políticos.

Um dos primeiros estilos a nascer da arquitetura moderna é a Art Nouveau, um estilo que rompe com a ornamentação figurativa de costume histórico, baseando-se na natureza. Um bom exemplo. é a Igreja, Sagrada Família, de Antoni Gaudí, em Barcelona, Espanha, iniciada em 1882, inacabada até o presente.

Com a renovação litúrgica, que iremos estudar no próximo capítulo, surgiram novas maneiras de projetar edifícios. Alguns dos exemplos, desses arquitetos modernos são: Frank Lloyd Wright, Louis Sullivan, Tony Garnier, Auguste Perret, Peter Behrens, Walter Gropius, Adolf Meyer, Anatoli de Baudot, Le Corbusier, Oscar Niemeyer entre outros. Foram precursores, na implantação de novos sistemas construtivos, uso de novos materiais, e um novo jeito de solucionar problemas estruturais.

As modificações no programa de necessidades do edifício religioso, especificamente nos edifícios cristãos, deu mais liberdade na criação, aos profissionais da área. Relembrando, que até o século XIX, os sacerdotes celebravam de costas para a assembléia, e uma parede dividia o altar da nave principal no interior do edifício. No período pós Primeira Guerra Mundial, a arquitetura é retomada com novos conceitos e estilos. Com nova roupagem, a arquitetura é adequada aos vastos templos anônimos, com superfícies limpas e mínimo de molduras, perfeitamente adequada à industrialização de seus subsídios, o aço, o vidro, o concreto e seus acabamentos.

Outro exemplo de arquitetura eclesial moderna, é o Templo Unitário de Frank Lloyd, em Oak Park, Illinois, EUA em 1906 mesmo não sendo um templo Católico, vale ressaltar, pois o arquiteto, seguindo as novas tendências, optou pelo uso do

concreto, e uma configuração quadriculada, com as elevações, frontais e laterais, efetivamente iguais, simbolizando a “unidade”.

Em torno de seis a sete anos, no período pós Primeira Guerra Mundial, a arquitetura é retomada com novos conceitos e estilos. Com nova roupagem, a arquitetura é adequada aos vastos templos anônimos, com superfícies limpas e mínimo de molduras, perfeitamente adequada à industrialização de seus subsídios, o aço, o vidro, o concreto e seus acabamentos.

As obras ecléticas da década de 20 ainda mantinham o mesmo conceito de planta longitudinal, nave central e lateral ou única, e altar e entrada organizado longitudinalmente, mesmo utilizando novos métodos construtivos e novos materiais. Com o abandono de referências históricas e literais, os arquitetos vêem a necessidade de criar uma originalidade para suas obras, dando uma nova franqueza, novos significados, características abstratas, novas técnicas construtivas, neste momento surgem novas configurações de plantas e espaços, permitindo chegar à novas tipologias de igrejas, frequentemente partindo da nave. Um grande exemplo, é Le Corbusier e a Capela de Notre-Dame-Du Haut, em Ronchamp, na França, 1955

A Renovação Litúrgica

No século XIX, devido ao crescimento de uma sociedade laica e materialista, com ideologias políticas e econômicas, começa a era do antropocentrismo, causando um declínio na Igreja. Após a Primeira Guerra Mundial, a situação razão e ciência, acabou trazendo à tona, a necessidade de mudanças na maneira de lidar os cristãos. Neste ponto, a Igreja reconhece a necessidade de apoio, em sua própria credibilidade moral. Momento este, em que os leigos passam a ser ativos, quando eram passivos, mesmo nas atividades reservadas aos eclesiásticos.

Em 22 de novembro 1903, o papa Pio X, divulga o *Motu Proprio Tra Le Sollecitudini*, sobre a música sacra, visando a necessidade da renovação litúrgica na igreja. A partir deste documento, o papa, busca enfatizar, que o verdadeiro “espírito cristão”, está na participação dos mistérios *sacrossantos*, da Igreja.

No contexto arquitetônico, as igrejas seriam construídas, como símbolos de unidade, visando a função litúrgica, induzindo a assembleia a participar das celebrações, onde, a localização do altar era crucial, pois, deveria representar a última ceia onde todos se reuniam, os bancos voltados para o altar, a eliminação das capelas laterais, e demais elementos que tirassem o foco do Cristo e os santos

(cristocentrismo). Fica claro, que a mudança litúrgica, conseqüentemente, trouxe a mudança arquitetônica para as igrejas.

Em 1917, o papa Pio X, cria o “Código do Direito Canônico”, revogado mais tarde, pelo papa João Paulo II, que faz a manutenção do texto de Pio X.

A renovação, ganhou forças, quando em 1947, o papa Pio XII, escreve o Mediator Dei, denominada mais tarde, de “A Carta Magna da Liturgia”, que reconhecendo as falhas da igreja, dá liberdade ao cristão para ter intimidade com o divino, participando do corpo litúrgico de Cristo. Em relação a arquitetura, Silva (2005) enfatiza as palavras do papa: “Não se pode repudiar as formas e as imagens de hoje, mas é necessário deixar campo livre para a arte moderna quando serve, com a devida reverência e a devida honra, aos sagrados edifícios e aos ritos sacros”.

Os argumentos contidos na encíclica, solidificaram no Concílio Vaticano II, que não trouxe a ruptura da tradição da igreja, pelo contrário, permitiu que sua continuação fosse fiel, até mesmo, as tradições de antes da fundação da própria Igreja. O Concílio Vaticano II, ocorreu em 1959, pelo Papa XXIII. Seu objetivo, era tornar fácil a participação do fiel durante a missa. Os ritos, deveriam serem mais claros, para que a assembleia viesse a compreender, de maneira fácil e clara, adequando-se, conforme as culturas e povos. O concílio, trouxe ainda, a variedade linguística, não só o latim, a variedade dos ritos litúrgicos, as tradições históricas, e os direitos próprios, de cada comunidade.

Nesta passagem do tradicionalismo, para a renovação, em 1967, nasce um movimento, a favor da renovação dos carismas da Igreja, o pentecostalismo, hoje consolidado, Renovação Carismática Católica – RCC, culminando, numa liturgia simplificada aos fiéis e na participação litúrgica, onde leigos (homens ou mulheres), poderiam adentrar ao altar sagrado, tomar a palavra em nome do Cristo, celebrar cultos, e outras atividades que até então, só o clero faria, com exceção da consagração eucarística e a confissão.

Catafalco à liturgia, surgiram novas e profundas transformações espaciais na arquitetura religiosa. O Papa João XXIII, pede aos arquitetos que introduzam a sensibilidade, a serenidade e o calor de nossas casas às igrejas. A disposição do edifício igreja, deveria então, exercer, de maneira correta, a sua função: obedecendo a hierarquia, transmitindo uma coerência e manifestando a unidade do povo de Deus. Destacando o presbitério dentro da nave, com uma pequena elevação, não deixando de estar, próximo ao povo, não esquecendo que é obrigado a cruz estar sobre o altar

ou próximo a ele, assim como, a mesa da celebração. Quando falamos de elementos decorativos, é indicado pelo concílio, que seja observada a nobreza e a autenticidade dos materiais e linhas, e em vez do exagero e excesso de ornamentação, dar espaço à arte e à arquitetura de sua época.

A partir do Concílio Vaticano II, e de aspirações anteriores, as novas arquiteturas de igrejas e suas respectivas reformadas, deveriam se orientar por dois objetivos básicos: funcionalidade baseada na celebração litúrgica, e facilidade para que fosse ativa a participação dos fiéis.

Referências Projetuais

É de suma importância que todo projeto de arquitetura e urbanismo traga referenciais teóricos embasados em determinado estilo, época ou tendências no que tange elementos construtivos ou decorativos, materiais, morfologias e metodologias, tudo isso, com funcionalidade e elegância. Para embasar teoricamente o presente trabalho, vamos analisar dois arquitetos: **Oscar Niemeyer**, que sob o olhar modernista na arquitetura nacional e mundial, deixou obras que foram construídas no século passado, mas que, até hoje levam-nos a meditar sobre a dimensão intrínseca à espiritualidade e ao mesmo tempo, ao ateísmo de forma subliminar; **Tadao Ando**, da mesma forma conceituado mundialmente, mas com o dinamismo da arquitetura contemporânea, usa os efeitos naturais causados pela excentricidade de seus projetos como se estivesse brincando com a tecnologia traduzida na simplicidade dos materiais usados, como a madeira trabalhada desde seu berço materno em Osaka e o concreto, buscando aperfeiçoamento e inspiração em suas viagens pela Europa, onde conheceu seu mentor, o arquiteto Le Corbusier.

Neste capítulo, atrelaremos o intelecto de mentes brilhantes, aproveitando suas particularidades, como se fundíssemos a madeira na rocha sem perder a beleza natural de cada matéria, na leveza e na cor que dão ao nosso projeto a mística necessária à meditação e contemplação do divino e sagrado. Nos painéis de vidro frágeis, nos espelhos d'água, como se andássemos sobre ela sem submergir.

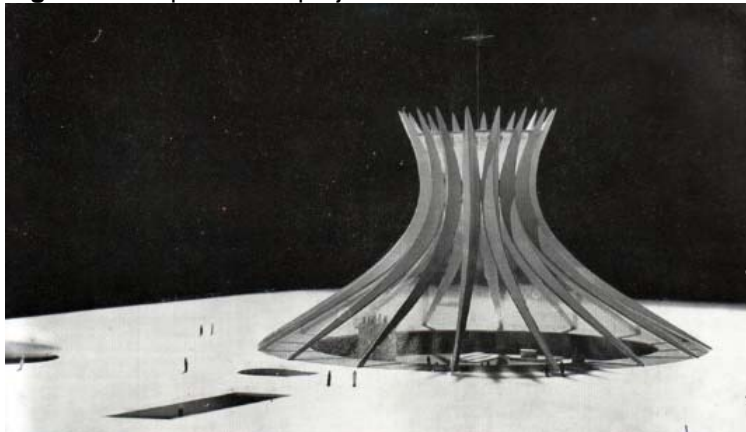
Mas a arquitetura contemporânea baseava sua presença na técnica construtiva que tudo devia modificar, apoiando-se no funcionalismo para realizar a metamorfose desejada: substituir as antigas fachadas pelos grandes painéis de vidro; as grossas paredes de alvenaria pelas finas colunas de concreto; os telhados, frontões e outros elementos que compunham as coberturas, pelo terraço-jardim e os espaços, antes ocupados pelos edifícios, pelos pilotis. (NIEMEYER, 2005, p. 20).

Estudos de Caso

Foram realizadas, viagens interestaduais, para atingir o coração do país, a sede dos Três Poderes Federais, a Capital Brasília, berço icônico do arquiteto Oscar Niemeyer, e suas obras primas, e de nossas referências arquitetônicas, para não deixar de fora deste projeto, o símbolo da arquitetura sacra moderna brasileira, a Catedral Metropolitana.

A sede do poder econômico, industrial e populacional do Brasil, a capital, São Paulo, abriga ecléticos estilos arquitetônicos, desde sua fundação, pelos colonos europeus, até as atuais estruturas em concreto armado, cobertas por peles de vidro, onde surge, como que desabrochando por entre os antigos e o novos arranha-céus, a Catedral da Sé. E por último, a cidade de maior fluxo turístico do Estado do Paraná, da atualidade, a cidade de Bandeirantes, com o intuito de apreciar e estudar, com análises críticas e técnicas retrospectivas, as arquiteturas eclesiásticas e suas funcionalidades, seus rituais e a força mística que utilizam acerca da espiritualidade, dos conceitos embasados na cultura local impregnadas em cada templo, abrindo nosso intelecto a entender, para aprender, e ensinar através deste trabalho.

Figura 8. Maquete: Anteprojeto da Catedral de Brasília 1958.



Fonte: Bruand, 2008

CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida para entendermos a mística e a simbologia no desenvolvimento do Programa de Necessidades Arquitetônico do templo religioso da Igreja Católica Apostólica Romana, da pré-história aos tempos modernos, e a partir daí, projetarmos uma Igreja Cristã.

Podemos perceber, que os conceitos básicos da sacralidade e da arquitetura que envolve e cria o ambiente propício ao rito sacramental, são divagações intrinsecamente sancionadas pelas releituras de projetos e edificações, desde os primeiros indícios de crença ou religiosidade, acerca de determina força sobrenatural que compõe o cosmos. Ao longo da história, cada civilização, comunidade ou povo, acreditaram numa força maior que os regem. Nos tempos atuais, esta crença naquilo que não se vê, pode ser determinado como, “ato de fé”, para os cristãos. O cristianismo se difundiu pelos continentes orientais, até chegar às Américas e ao resto do mundo.

A arquitetura religiosa, sempre acompanhou esta evolução e hoje, na nova era, contemporânea, devemos nos adequar, e assim como, os arquitetos do passado, observando as culturas regionais, alcançarmos nosso objetivo na construção de um Santuário Cristão. A passagem do homem pela terra, deixaram rastros, que nos guiarão em nosso projeto: conceitos, formalidades, materiais e métodos construtivos, funções, ambientação e por menores de equipamentos e técnicas de edificações. Todo conhecimento adquirido serve como base, projetual para elaboração do meu projeto, que finalizara minha graduação o Santuário São Pedro e São Paulo.

REFERÊNCIAS

AGNOLETTO, Matteo. Renzo. Piano: Coleção Folha Grandes Arquitetos: tradução HITZSCHKY, Gustavo. 1. Ed. – São Paulo, 2011. 80p.

ALBERNAS, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. Dicionário Ilustrado de Arquitetura. Vol. I. Pro Editores. São Paulo, 1998.

Arte e Arquitetura Maia - História da Arte e Arquitetura Maia. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/maia/arte-e-arquitetura-maia.htm>>. Acesso em 01 jun. 2016.

BAUDIN, Louis. A vida cotidiana no tempo dos últimos Incas, Edições "livros do Brasil", Lisboa, s/d.

BENEVOLO, Leonardo. História da Arquitetura Moderna. 3 ed. Editora Perspectiva. São Paulo, 2001

BOTELHO, Manoel H. C.; GIANNONI, André.; BOTELHO, Viniciu C. Manual de Projeto de Edificações. 1 ed. PINI. São Paulo, 2009.

CARVALHO, Leandro. "História da Igreja Católica"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/influencia-igreja-historia.htm>>. Acesso em 31 de maio de 2016.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Carta Apostolica Laetamur Magnopere do Papa Joao Paulo II de Aprovacao e de Promulgacao da Edicao Tipica Latina Do Catecismo Da Igreja Catolica. Libreria Editrice Vaticana, 1992.

Congregação para o Clero. Disponível em: <<http://www.clerus.va/content/clerus/pt.html>>. Acesso em 18 jun. 2016

CORBIOLI, Nanci. Publicado originalmente em Projeto Design na Edição 334. Disponível em: <<https://arcoweb.com.br/busca?q=igrejinha+nossa+senhora+de+fatima>>. Acesso em 23 abr. 2016

FRACALOSSI, Igor. "Clássicos da Arquitetura: Igrejinha Nossa Senhora de Fátima / Oscar Niemeyer" 07 Mai 2014. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/601545/classicos-da-arquitetura-igrejinha-nossa-senhora-de-fatima-oscar-niemeyer>> Acesso em 23 abr. 2016

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978

MILANI, Eliva de M. Universidade Federal do Rio de Janeiro Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. UFRJ/FAU/PROARQ ARQUITETURA, LUZ E LITURGIA: UM ESTUDO DA ILUMINAÇÃO NAS IGREJAS CATÓLICAS. Rio de Janeiro, RJ, 2006. Disponível em: <<http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/Pesquisa/arquitetura%20luz%20e%20liturgia.pdf>>. Acesso em 18 jun. 2016.

Poitiers - O Notre-Dame la Grande. Disponível em: <<http://www.angles-gite.com/poitiers/poitiers-eglise-grande.php>>. Acesso em 18 jun. 2016

RATTENBURY, Kester; [et al. ; tradução: MORAES, Sérgio. Arquitetos Contemporâneos: Architects today. Viana & Mosley. Rio de Janeiro, 2007. 240p.

SCHLEE, Andrey R. O amor ou a repulsa: revisão crítica de duas obras de Oscar Niemeyer. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, PROPAR, 1990.

SÉJOUNÉ, Laurette. América Latina I: antigas culturas precolombianas Siglo XXI, México, 1978, 8ª ed.

SEMIM, Frei Amadeu A. A Igrejinha de Nossa Senhora de Fátima. Disponível em: <<http://www.igrejinhadefatima.com.br/historia-igrejinha>>. Acesso em 20 mar. 2016

TRESE, Leo J.A. Tradução: PEREZ, Isabel. Fé Explicada 6 Ed. Quadrante. São Paulo, 1995. 479p.

WASSERMAN, Claudia (coordenação). História da América Latina: cinco séculos, Editora da Universidade Federal do RG do Sul, P. Alegre, 1996

WISNIK, Guilherme. Oscar Niemeyer: Coleção Folha Grandes Arquitetos:
Wisnik, Guilherme, 1972. 1. ed. Vol. 3. São Paulo, 2011. 80p.